

2

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Autor principal:	Paula Garcia de Freitas
Título do projeto:	@meninasemulheresnaliteratura: escrita diaspórica em língua italiana, conexão de redes, de saberes e formação docente
Outros autores:	Cristiane Maria Landulfo
Início do projeto:	05/2021
Instituição de ensino superior:	Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Faculdade/Programa/Departamento/Setor:	Faculdade de Letras; Departamento de Letras Estrangeiras Modernas; Setor de Ciências Humanas
Curso em que o projeto foi desenvolvido:	Licenciatura em Letras – Italiano e Português
Vinculação do projeto:	Extensão universitária
Disciplina/módulo/componente curricular do curso de licenciatura em que o projeto foi desenvolvido:	Projeto Intercultural nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino vinculado ao Licenciatura (UFPR) e de Iniciação Científica (UFBA) em diálogo com as disciplinas de estágio supervisionado e de projetos de formação de professores de línguas estrangeiras
Relação com componentes curriculares da educação básica:	Linguagens: Língua estrangeira; Ciências humanas: História, Sociologia, Geografia, Filosofia
O projeto tem relação com nível de ensino:	Ensino fundamental II, ensino médio

https://doi.org/10.18222/fcc-pprmm2022_3

@MENINASEMULHERESNALITERATURA: ESCRITA DIASPÓRICA EM LÍNGUA ITALIANA, CONEXÃO DE REDES, DE SABERES E FORMAÇÃO DOCENTE

RESUMO

O Meninas e Mulheres na Literatura é um projeto coordenado por duas professoras dos cursos de Licenciatura em Língua Italiana – uma da Universidade Federal da Bahia e outra da Universidade Federal do Paraná –, que promoveu, em 2021, práticas que possibilitaram às professoras em formação dos dois cursos desenvolverem conhecimento linguístico, pedagógico e tecnológico por meio de uma educação linguística e literária potencialmente intercultural, decolonial e emancipadora. Durante três meses, foram apresentadas ao público brasileiro dez obras escritas por mulheres de origem africana e asiática que escrevem em língua italiana os dilemas de viver em trânsito. Adotou-se a abordagem multimodal, em que *posts* no Instagram, aulas síncronas pelo YouTube, *podcasts* e vídeos ajudaram-nos a conhecer, refletir e discutir as temáticas tratadas nos livros, como racismo, questões de gênero, colonialismo italiano, aspectos históricos e culturais dos países de origem das autoras e ainda ter contato com diferentes gêneros textuais. Semanalmente, uma aluna-professora de italiano das referidas instituições de ensino superior (IES) apresentou um livro através de atividades para fomentar o desenvolvimento de uma postura intercultural e o pensamento decolonial, isto é, a capacidade de interagir com outros saberes, respeitando modos de vida e cosmopercepções outras. A partir

1 Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba (PR), Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6121-8220>.

2 Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador (BA), Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-7030-2771>.

dos *feedbacks* bastante positivos, concluiu-se que, mesmo que o italiano ainda não seja uma das línguas mais ensinadas no país, o projeto é capaz de inspirar novas práticas de ensino de língua e literatura que contemplem saberes de diferentes lugares, em múltiplos contextos, especialmente na escola básica. Atualmente, o perfil @meninasmulheresnaliteratura pode ser visitado a qualquer momento, e a leitura das obras, realizada de diferentes formas.

JUSTIFICATIVA

Cursos de Licenciatura em Letras formam professores de línguas para atuarem na educação básica e em contextos não formais de ensino. Devido à ausência de políticas públicas voltadas para a pluralidade e a democratização do ensino de línguas em nosso país, o graduado em Letras – Italiano é geralmente levado a espaços não formais, como o projeto que apresentamos aqui, em que procuramos: a) apresentar a língua italiana e democratizar esse saber; b) ensinar esse idioma em contextos que permitam seu uso; c) (re)conhecer aspectos da cultura italiana em diálogo com outras culturas; d) compreender, produzir e traduzir textos; e) refletir sobre o papel do docente de língua. Em termos técnicos, é nosso dever preparar os aprendizes que muitas vezes chegam ao curso de Letras – Italiano apenas com o desejo de conhecer mais uma língua, para que possam desenvolver as habilidades linguísticas, mas, em especial, uma postura intercultural, bem como conhecimentos pedagógicos que lhes permitam atuar em diferentes espaços educacionais, incluída a educação básica.

Sabemos, porém, que a formação de professores de línguas vai muito além e precisa ser o contexto em que se faça reverberar um contradiscurso hegemônico eurocentrado, pois, certamente, os futuros professores repetirão, em suas aulas, os ecos do que lhes é proposto. Por isso, é imprescindível que se tenha consciência de que as universidades, majoritariamente, ainda transmitem estruturas que reforçam a “*hybris* do ponto zero”, que, para Castro-Gómez e Gosfroguel (2007, p. 88), aponta para uma suposta neutralidade do conhecimento – colonialidade do saber –, legitimando o que “pode” ou não ser considerado verdade e reproduzindo a dimensão epistêmica do colonialismo. A ciência moderna nega que os sujeitos tenham sexualidade, gênero, etnia, língua, espiritualidade (colonialidade do ser), para garantir a objetividade do conhecimento e perpetuar hierarquias do saber nas estruturas departamentais, programas e disciplinas, com seus cânones e verdades absolutas. A consequência é o privilégio de uma cultura em detrimento de outras, reproduzido no contexto educacional e nos cursos de formação de professores.

Nesse modelo, no cenário do italiano, ainda são negligenciados elementos importantes para a formação de professores, como as comunidades itálicas no Brasil, os países africanos colonizados pela Itália, movimentos migratórios, a situação em que homens, mulheres e crianças vivem a diáspora, os sentimentos que perpassam a alma desses indivíduos que também escrevem e vivem a língua e a cultura italianas. Por essa razão, a escolha de obras entendidas como potencialmente decoloniais que nos apresentam

[...] as histórias contadas por mulheres nascidas em países que são marginalizados e compreendidos como periféricos. [...] Ademais, elas se utilizam da língua do colonizador (HOOKS, 2013) para narrarem as histórias que foram “apagadas” pelo povo italiano, trazendo à tona o silêncio e a invisibilização a elas impostos e nos possibilitando conhecer seus continentes a partir de suas vivências, dores e sofrimento, mas, especialmente, da luta, da resistência e do protagonismo. (LANDULFO; MATOS, 2021, p. 135).

Pesquisas expõem (FREITAS, 2019, 2020; LANDULFO, 2016) que a aprendizagem desses saberes pode ser facilitada a partir de diferentes estratégias que contribuem também para o desenvolvimento de uma postura intercultural, ponto-chave para avançar “[...] na produção de conhecimentos e práticas orientados a colaborar na afirmação de uma sociedade verdadeiramente democrática em que justiça social e justiça cultural se entrelaçam” (CANDAU, 2012, p. 135). Assim, interculturalizar o ensino do italiano significa incluir novas pautas, propor uma educação linguística para a emancipação e autonomia dos aprendizes, que discuta a sociedade-mundo que vivemos e almejamos e pela qual devemos lutar diariamente (LANDULFO, 2016).

Na tentativa de proporcionar uma formação inicial de professores dos cursos de Letras – Italiano com esse viés, duas professoras-pesquisadoras uniram saberes e pesquisas para conduzir seus projetos de ensino, pesquisa e extensão em contexto de ensino remoto em 2021, consequência da pandemia de covid-19. Da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Cristiane Landulfo reuniu suas alunas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic); da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paula Garcia de Freitas chamou as alunas do projeto Intercultura nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino, vinculado ao Licenciatura, para, juntas, criarem o curso de extensão Meninas e Mulheres na Literatura (MML), a fim de apresentar obras escritas por autoras do movimento literário italiano contemporâneo e diaspórico. O curso foi dado em português, pelas redes sociais, contemplando, assim, um maior número de pessoas que utilizam essas mídias.

Adotou-se uma abordagem multimodal de ensino de línguas (VAN LEEUWEN, 2014), que consiste em combinar diferentes recursos semióticos para produzir significados e encorajar a interação e a aprendizagem de diferentes conteúdos.

Portanto, com o MML, voltamos nossos olhares para epistemologias outras, levando os cursos de Letras – Italiano da UFBA e da UFPR a dialogarem com a Lei n. 10.639/2003, que incita o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo de escolas públicas e privadas, bem como com as produções intelectuais do Programa Modernidade/Colonialidade que defendem a necessidade de um giro epistemológico e decolonial, conferindo *status* epistêmico para sujeitos que são postos à margem das decisões políticas e acadêmicas do globo. Afinal, não precisamos ensinar italiano somente falando da Itália; é urgente que a formação docente permita:

- a consciência da pluralidade de povos, reconhecendo e respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, etc.;
- a promoção de uma educação linguística que permita o diálogo entre os diferentes grupos sociais, étnicos/raciais e culturais, para a construção de uma sociedade democrática;
- o posicionamento crítico, analítico e reflexivo diante de diferentes materiais didáticos e a capacidade de produzi-los considerando a pluralidade de conhecimentos, e epistemologias de segmentos da sociedade historicamente invisibilizados.

É pertinente afirmar que este trabalho se justifica, ainda, porque as produções literárias selecionadas para compor o projeto, escritas em língua italiana por mulheres de origem africana e asiática, levaram-nos a construir um caminho para uma formação docente e o ensino da língua italiana por uma perspectiva intercultural/decolonial, possibilitando a todos: 1) identificar os elementos característicos do texto literário; 2) reconhecer a diversidade da língua italiana, atendendo às suas especificidades linguísticas/discursivas; 3) sensibilizar os aprendizes para questões étnico-raciais; 4) promover a reflexão dos aprendizes de italiano acerca do pensamento decolonial; e 5) reconhecer o texto literário em seu papel socializador e transformador, capaz de nos desestabilizar para nos humanizar.

Com este projeto, ultrapassamos os muros da universidade, inspirando novas práticas de ensino de língua e literatura. Somos conscientes de que o mundo atual demanda novas posturas, outras epistemologias e, assim, práticas pedagógicas que contemplem diversos saberes de diferentes lugares.

CONTEXTO EM QUE O TRABALHO ESTÁ INSERIDO

O MML é resultado da experimentação conjunta do que é realizado pelas líderes do Núcleo de Estudos Italianos em Contexto Brasileiro (Nelib/CNPq) em suas universidades. Cristiane Landulfo, na UFBA, orienta projetos de iniciação científica que visam a desenvolver e viabilizar uma educação linguística em língua italiana potencialmente decolonial por meio da literatura produzida em língua italiana por mulheres de origem africana; Paula Garcia de Freitas, na UFPR, estuda os efeitos de atividades didáticas na aprendizagem de línguas e coordena projetos de iniciação à docência, como o Intercultura nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino. Este último, vinculado ao programa institucional de apoio às licenciaturas Licenciatar, normalmente vai às escolas de Curitiba com as oficinas de sensibilização à língua e à cultura italiana, cujo objetivo é ajudar os alunos da Licenciatura em Letras – Italiano a vivenciar diversas abordagens de ensino, como a abordagem por tarefas (WILLIS, 2003) ou a abordagem intercultural (MENDES, 2008) ao ensinar italiano para crianças do 1º ciclo do ensino fundamental.

Em um ano de atividades, o Nelib já reúne colegas de diferentes universidades brasileiras que realizam trabalhos na área de italianística no Brasil e que (re)pensam a formação docente a partir da seguinte pergunta: quais são os saberes necessários para que as professoras e os

professores de italiano desenvolvam uma prática pedagógica intercultural e emancipatória diante de um mundo em constante transformação?

Nesse contexto e impossibilitadas de levarem suas alunas às escolas para experimentar a docência por causa da pandemia de covid-19, as coordenadoras do projeto discutiam maneiras de proporcionar uma formação de professores alinhada com os preceitos do grupo. Eis que, numa reunião com o grupo de extensão Meninas e Mulheres nas Ciências (MMC) da UFPR, para desenhar outro projeto, surge a ideia de criar um curso *on-line* para divulgar para o público brasileiro autoras negras que escrevem em italiano. Esse primeiro passo abriria o campo para a elaboração de um livro de passatempos que apresentasse as autoras, como aqueles que vêm sendo produzidos pelo MMC sobre as cientistas mulheres, sobre as cientistas negras brasileiras e seus feitos, projeto que tem se mostrado tão importante para disseminação de informações científicas ao grande público.

Uma opção poderia ter sido aquela adotada pela maioria dos professores para o ensino remoto: aulas síncronas e atividades assíncronas para a construção dos saberes. No entanto, acreditando na força de uma rede de conhecimentos e da abordagem por tarefas na formação docente, cujos efeitos positivos já foram relatados em diversos artigos (FREITAS, 2019), a ideia foi lançada para dez professoras em formação inicial – seis da UFBA e quatro da UFPR –, e o projeto começou a ganhar corpo. Inicialmente, foram selecionadas dez obras escritas por autoras na diáspora, mulheres de ascendência africana, indiana e italiana que narram em italiano os dilemas de ser e não ser italianas; em seguida, cada livro foi lido por uma professora em formação, que, na reunião de grupo, apresentava trechos, temas e pontos de (des)encontro que comporiam o curso; por fim, as aulas remotas deram espaço a um perfil no Instagram onde foram postados, semanalmente, conteúdos e atividades sobre uma das obras, como será descrito nas próximas seções.

O curso de 30 horas foi ministrado entre setembro e novembro de 2021, mas o trabalho com as bolsistas começou em abril de 2021, quando foram lançados os editais de aprovação com o número de bolsistas que poderiam ser contempladas no projeto nas duas universidades.

A parceria entre o Nelib/CNPq, o projeto de extensão Meninas e Mulheres nas Ciências e nas Humanidades (MMC/UFPR) e o Programa Licenciatura da UFPR contou ainda com o apoio da Pós-Graduação em Letras da UFPR, do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR, do Núcleo Permanente de Extensão em Letras (Nupel UFBA) e, ao longo do percurso, foi ganhando apoio de outras entidades, como a Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade da UFPR, de editoras, como A Capivara Cultural, de colegas, alunos, amigos e, principalmente, das próprias autoras, que prontamente se voluntariaram para gravar vídeos e participar de *lives* ou entrevistas que pudessem ampliar o repertório de oportunidades para o desenvolvimento da postura intercultural de todos os envolvidos no projeto.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Promover uma formação potencialmente intercultural, decolonial e emancipadora, por meio dos textos literários das escritoras de origem africana e asiática que escrevem em língua italiana, que permita a futuras professoras das licenciaturas em Letras – Italiano ter contato com diferentes abordagens de ensino de línguas e literatura.

Objetivos específicos

- a. Criar uma rede de saberes compartilhados para a formação docente.
- b. Conhecer, compreender e difundir a literatura produzida em língua italiana por mulheres de origem africana e asiática.
- c. Produzir atividades didáticas isentas de motivações hegemônicas e etnocêntricas com foco em diferentes abordagens para o ensino de línguas, como a abordagem por tarefas, a abordagem intercultural e a abordagem multimodal.
- d. Inserir no processo de ensino e aprendizagem do italiano temáticas importantes e necessárias para o desenvolvimento do pensamento decolonial e de uma postura intercultural.
- e. Democratizar saberes por meio do potencial inovador das redes sociais.
- f. Contribuir com mudanças de paradigmas no processo de ensino e aprendizagem da língua italiana.
- g. Inspirar novas práticas de ensino de línguas por meio de uma formação plural, cujos ecos irão reverberar em diferentes contextos educacionais, sobretudo na educação básica.

CONTEÚDOS CURRICULARES PRIORIZADOS

Almeja-se que os professores de línguas da atualidade sejam profissionais engajados e que, dialogicamente com seus alunos, reflitam sobre questões sociais e preparem-se para atuar na sociedade de modo crítico e consciente. Ademais, precisam conhecer as teorias referentes à sua área de atuação.

É exatamente nos cursos de Letras que os futuros docentes devem conhecer e aprender os diferentes métodos, abordagens e/ou perspectivas para o ensino de línguas que possam ser mais bem empregados em diferentes contextos educacionais. Por essa razão, a preparação para a realização do MML aconteceu tendo em vista a extrema importância de as professoras em formação adquirirem conhecimento dos diferentes modos de ensinar e aprender línguas, além da consciência de que a sala de aula é um espaço no qual repercutem as questões sociais, históricas e culturais.

Foram abordados os seguintes conteúdos: abordagem por tarefas, literatura e ensino de línguas, perspectiva intercultural e decolonial, abordagem multimodal no ensino de línguas e teorias de elaboração de objetivos e atividades. O intuito foi demonstrar, explícita e implicitamente, que a elaboração de um curso precisa ter objetivos bem delineados que devem ser

vislumbrados e alcançados. Para isso, no entanto, são necessários conhecimentos específicos. O importante era ajudar as alunas na compreensão de que a prática pedagógica precisa estar pautada por diversas teorias que dialoguem, ainda, com várias áreas do conhecimento.

Os livros selecionados permitiram o conhecimento de países africanos colonizados pela Itália no início do século XX, como a Eritreia, narrada em *Africa Nostra Madre Terra* de Elisa Kidané e em *Asmara Addio* de Erminia Dell’Oro, a Somália, de onde provêm Igiaba Scego e Ubah Cristina Ali Farah, autoras de *La Linea del Colore* e *Madre Piccola*, respectivamente, e a Etiópia, lindamente descrita em *Regina di Fiori e di Perle* por Gabriela Ghermandi. Foi possível também conhecer e compreender os sentimentos que perpassam as relações de abuso de poder contra a população negra por meio da denúncia de jovens autoras nascidas na Itália, como Djarah Kan (de origem ganense) em *Ladri di Denti*, Oiza Queens Days (de origem nigeriana) em *Corpi estranei*, e Marilena Delli Umhuza, que fala do racismo que acontece dentro de casa em *Negretta: baci razzisti*. O romance *Afroitaliani* de Alimatou Sall e os contos das indianas Gabriella Kuruvilla e Laila Wadia presentes em *Pecore Nere*, em compensação, são permeados de questões sociais e do forte sentimento de, ao mesmo tempo, viver em dois mundos, entre o Senegal e a Itália ou entre o Ocidente e o Oriente, no caso das autoras indianas. Em todos os livros, porém, é possível reconhecer a escrita em língua italiana como um processo de resgate da própria identidade, que é múltipla e intercultural.

Por meio dessas obras, foi possível proporcionar e defender uma educação linguística em que as linguagens são inseridas para a leitura do mundo e não apenas para a leitura das palavras, ou, como preconizava Freire (1996), com a leitura da palavra-mundo. O percurso criado se configurou como meio de resistência aos discursos das histórias únicas (ADICHIE, 2019) que circulam, e os textos literários, em seus diferentes gêneros, se configuraram como instrumentos de ensino e aprendizagem e porta de entrada para a língua/cultura-alvo, para discussões sobre diferentes temáticas, para o compartilhamento de saberes. Assim, foi possível comprovar que a educação linguística e a educação literária são complementares e indissociáveis, conforme elucida Santoro (2007, p. 27):

Aprende-se a língua estrangeira e aprende-se também a “ler” literatura, a perceber como funcionam os textos literários e, a partir deles, todos os outros textos, porque a “apropriação” da língua estrangeira acontece simultaneamente à conscientização dos mecanismos por meio dos quais se realiza a produção de sentido e à reflexão sobre eles. Isso é indispensável quando se pensa no ensino de uma língua estrangeira, que – longe de reduzir-se à correção gramatical – se realiza e se completa quando, entre outras coisas, a língua é observada “em uso”, para que se possa refletir sobre os elementos que a constituem e entender, nos textos e nos discursos, como eles significam.

As professoras em formação inicial puderam compreender que a literatura, além de educar para o reconhecimento das especificidades de um texto e a sua relação com o contexto sócio-histórico-cultural, incita-nos a viajar por novos e diferentes mundos, possibilitando o

questionamento de nossas próprias vivências. Essa é a premissa de uma perspectiva intercultural por um viés decolonial da prática pedagógica, entendida como:

[...] uma educação para o reconhecimento do “outro” para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural. Uma educação capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade. (SANTOS, 2001³ *apud* CANDAU, 2012, p. 51, destaque nosso).

O percurso de formação das alunas seguiu o Ciclo de Tarefas para a Formação (inicial) docente, que Freitas (2019, 2020) adota na condução do projeto de ensino “Intercultura nas escolas”. São cinco etapas: 1) tarefas para o ensino da teoria; 2) planejamento do curso de italiano; 3) preparação das tarefas para os participantes do curso; 4) aplicação das tarefas; e 5) tarefas de registro e divulgação dos resultados. A vivência de tarefas da vida real, como pode ser considerada a docência, tem se mostrado eficaz para o desenvolvimento de diferentes competências nos bolsistas, como a comunicativa na LE, a intercultural, o conhecimento de diferentes contextos e abordagens de ensino de línguas, que auxiliam no desenvolvimento das competências pedagógica e científica. Há anos testando esse percurso com diferentes alunos, percebe-se que, ao final de oito meses intensos de atividades, graduandos do segundo ano do curso de Letras – Italiano parecem se conscientizar do verdadeiro papel do professor da atualidade: o de orientar o processo de (auto)aprendizagem, provocar reflexão e, acima de tudo, proporcionar vivências que façam com que a (auto)educação aconteça (ROLDÃO, 2017).

Para o MML, resultado das fases 2, 3 e 4 do percurso de 2021, em que as bolsistas são chamadas a planejar, preparar e aplicar as tarefas para o ensino intercultural de italiano, adotou-se a abordagem multimodal para o ensino de línguas, que nada mais é do que fornecer diferentes caminhos midiáticos, tais como vídeos, *podcasts*, leituras, jogos, *lives*, momentos para a produção oral, entre outras técnicas, para ensinar determinado conteúdo. Estudos indicam que esse tipo de ensino é capaz de contemplar as Múltiplas Inteligências (GARDNER, 1983), tanto dos alunos quanto dos professores, e que, assim como a abordagem por tarefas, é capaz de manter altos os níveis de motivação e engajamento dos envolvidos.

Para tanto, recorreremos às teorias de elaboração de objetivos e atividades, como a Taxonomia de Bloom (BLOOM; KRATHWOHL; MASIA, 1972), que classifica, de forma hierárquica, seis domínios de aprendizagem possíveis para as tarefas educacionais. Nessa perspectiva, só é possível criar (um curso como o MML, por exemplo) após conhecer as obras, compreendê-las, aplicar esses conceitos, analisá-los e avaliá-los em diferentes aspectos.

3 SANTOS, B. S. As tensões da modernidade. *Fórum Social Mundial*. Biblioteca das alternativas. 2001. Disponível em: http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1325792284_As%20tens%C3%B5es%20da%20Modernidade%20-%20Boaventura%20de%20Sousa%20Santos.pdf. Acesso em: 16 nov. 2022.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

O ciclo de tarefas de cinco etapas para a formação inicial de professores de línguas dura oito meses, de maio a dezembro, período de vigência das bolsas do Programa Licenciador da UFPR. Há anos sendo replicado para a condução das atividades no programa, com resultados excelentes e bem diversificados, o ciclo tem se mostrado um modo eficaz de aproximar o futuro professor de abordagens de ensino de LE com um viés mais relacional, dialógico, cultural e contextual (IMBERNÓN; COLÉN, 2014), como podem ser consideradas as abordagens intercultural e a multimodal exploradas no percurso de 2021, o MML.

Em um percurso de ensino baseado em tarefas, são previstas atividades de pré-tarefa, a tarefa propriamente dita e atividades de pós-tarefa. De acordo com esse modelo, o objetivo das atividades de pré-tarefa é motivar os alunos e estabelecer um repertório de conhecimentos prévios que lhes permita realizar a segunda fase, a tarefa, uma atividade significativa, passível de ser realizada na vida real, em que a língua é usada para fins de comunicação. Após essa fase central, são propostas atividades de pós-tarefas para reflexão sobre a tarefa realizada e (auto) avaliação (WILLIS, 2003).

Em nosso percurso de cinco etapas, pode-se dizer que a primeira das tarefas para o ensino da teoria é uma pré-tarefa para a prática docente que acontece nos três estágios seguintes do ciclo, quando os alunos são convidados a planejar um curso (etapa 2), preparar atividades (etapa 3) e aplicá-las (etapa 4). A quinta e última etapa, do registro e divulgação dos resultados, configura-se como uma atividade de pós-tarefa, em que são avaliados os resultados de aprendizagem. Adotar e incentivar as futuras professoras a experimentar tal abordagem durante a prática é também uma maneira de ajudá-las a se familiarizar com ela, uma abordagem cuja maestria é difícil de ser adquirida de modo independente, automático e imediato (NORRIS, 2015).

Para organizar o MML, as tarefas para o ensino implícito e explícito da teoria da etapa 1 aconteceram entre os meses de maio e agosto, período em que foram realizadas as seguintes atividades:

Leitura das obras: na primeira reunião de grupo, realizada remotamente pela plataforma Teams com as coordenadoras e alunas dos cursos de Letras – Italiano da UFBA e da UFPR, foi apresentado o projeto e cada uma ficou responsável pela leitura de um dos livros. Nesse encontro foi também estipulado um cronograma de reuniões para apresentação das obras por parte da aluna responsável. A instrução dada a elas foi: “Escolha um livro e leia para a reunião X. Durante a leitura, anote os sentimentos e sensações que tomam conta de você em determinado trecho, bem como trechos que apresentam temáticas que precisam ser debatidas em uma perspectiva decolonial. Grife-os e reflita sobre eles, pois poderão ser úteis nas próximas fases”.

Apresentação das obras: nas reuniões semanais seguintes, as alunas apresentavam suas obras para todo o grupo, os trechos que haviam selecionado e as sensações predominantes durante a leitura. As apresentações eram ponto de partida para a discussão das teorias decoloniais e de textos e mídias outras que poderiam ser relacionados às obras, independentemente

da proveniência (italianos, brasileiros, etc.); o importante era ampliar o repertório de recursos que poderiam compor o curso. Cada aluna recebeu então a instrução: “Agora que você apresentou a obra, verbalizou o que sentiu durante a leitura, que conhece a opinião de suas colegas, outros textos que se relacionam com a obra lida e aspectos da teoria decolonial, imagine qual tom seria melhor imprimir às suas postagens durante o curso”.

Nas últimas semanas de julho demos início também à etapa 2, que envolveu o planejamento do curso. Decidimos adotar uma abordagem multimodal de ensino, utilizando o Instagram como plataforma principal, já que ali poderíamos fazer uso de diferentes mídias em uma mesma postagem, como fotos, vídeos e áudios pelos *stories*, pelas postagens, *reels* e carrosséis. Nessa plataforma também seria possível criar um Linktree em que estariam organizados os *links* para as aulas síncronas pelo YouTube, para o grupo do WhatsApp e para outras mídias usadas durante o curso, como jogos, *podcasts*, trilhas sonoras, entre outras.

Criado o perfil @meninasmulheresnaliteratura, iniciamos o planejamento das 30 horas de curso, divididas em dez semanas, sendo cada uma delas dedicada a uma obra. Fruto de um trabalho coletivo e de inúmeras reconfigurações, elaboramos um cronograma de postagens, que virou também o plano de curso compartilhado com os participantes, que poderiam, assim, se preparar para os conteúdos da semana. A primeira postagem, aos sábados, intitulada de *Primo contatto*, dava informações gerais sobre a obra e a autora. No domingo não havia postagem. Na segunda-feira a postagem *Dentro l'opera* visava a apresentar a trama da obra; na terça-feira, a postagem devia tratar das características textuais do gênero escolhido pela autora da semana, respondendo à pergunta *Ma che tipo è?*, à qual respondíamos se era um romance, um conto, uma crônica, poema, entre outros. Na quarta-feira e na quinta-feira eram postados os conteúdos que possibilitavam conhecer melhor os personagens, os temas e os dilemas trazidos em cada uma das obras em postagens intituladas *Nei loro panni e ancora nei loro panni*, isto é, “na pele delas” e “ainda na pele delas”, respectivamente, numa tradução livre. A diferença é que, na quinta, o cursista era chamado a (re)conhecer pontos de (des)encontro com a própria realidade. Na sexta-feira acontecia *Una grande lezione*, um aulão em que a temática preponderante na obra era tratada em maior profundidade. Essa grande aula, a cada 15 dias, acontecia ao vivo e era transmitida pelo canal do Licenciado Italiano da UFPR no YouTube. Outros formatos também foram adotados para esse aulão, como entrevistas, mesas-redondas, apresentações de dança, gravadas e editadas previamente e postadas no YouTube nesse dia da semana. No sábado uma nova autora era apresentada, e assim iniciávamos um novo ciclo.

A fase 3, da preparação das atividades, teve início nos primeiros dias de agosto, quando foram lançados também os cartazes de divulgação do curso, que teria início em setembro. É importante ressaltar que, numa abordagem por tarefas, os participantes são convidados a mostrar as habilidades prévias e ajudar os colegas a desenvolverem suas competências e habilidades para a realização das tarefas. Assim, a professora em formação que sabia mais sobre diagramação, por exemplo, ficou responsável por auxiliar as colegas a formatarem seus

posts; aquela que se sentia mais à vontade na frente das câmeras fez um tutorial para ajudar as demais a criarem seus vídeos; aquela que aprendeu a manejar uma ferramenta ensinava as outras. E, assim, todas foram capazes de desenvolver diferentes habilidades, em maior ou menor grau, também na preparação dos conteúdos. Tudo foi idealizado e executado pelas próprias professoras: cartazes, vinheta, panos de fundo, vídeos, *layout*, etc.

Várias foram as mídias produzidas pelas professoras: nos *stories* foi possível propor enquetes aos participantes; nas *postagens*, fotos, vídeos, áudios com trechos selecionados eram apresentados em italiano e traduzidos para o português, ora por meio de legenda, ora pela fala ou por imagens, para potencializar o desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita nas duas línguas e para alcançar o objetivo do curso: apresentar ao público brasileiro obras escritas em italiano por mulheres na diáspora.

Como já explicitado em outros momentos, na abordagem multimodal os conteúdos são ensinados de diferentes modos, entendidos como canais de informação ou qualquer ato comunicativo com significado. Nesse sentido, mesmo usando vídeos no Instagram ou nos aulões, cada um foi planejado para suscitar a aprendizagem de diferentes modos. Houve sarau, ciranda, roda de conversa, rodas de poesia com convidadas, debates e até evento científico. Com essa diversidade de *input*, segundo a teoria, é possível ativar diferentes sentidos, que frequentemente interagem uns com os outros, criando uma experiência de aprendizagem dinâmica e, por que não?, individual. Mostrar para as professoras em formação que é essencial combinar múltiplos modos ajudou a desmistificar que a sala de aula de línguas precisa ter o formato que atualmente tem. Professores e alunos podem ser diferentes e a sala de aula física, virtual ou um perfil no Instagram deve ser um ambiente que contemple diferentes estilos de aprendizagem. Uma abordagem multimodal ajuda cada pessoa a alcançar o sucesso, seja acadêmico, seja pedagógico, à sua própria maneira.

Para tanto, não basta diversificar os modos, é necessário também usufruir de uma ampla gama de atividades que ajudem a manter altos os níveis de motivação e engajamento dos participantes. Nesse sentido, a Taxonomia de Bloom pode ser uma ferramenta útil que permite estabelecer objetivos claros de aprendizagem e diferentes níveis de complexidade para as atividades. Se o objetivo do curso foi apresentar ao público brasileiro obras escritas por autoras de ascendência africana e indiana, o objetivo de aprendizagem foi ajudar os participantes a conhecer essas obras. Nesse sentido, as professoras em formação foram incentivadas a elaborar atividades que respondessem a esse objetivo que, na taxonomia, está na base e refere-se aos conhecimentos gerais que os alunos devem ter sobre dados específicos. Assim, atividades que explorassem temas como o colonialismo italiano em países do continente africano, que mostrassem como são esses países e suas manifestações culturais e políticas, permearam todo o curso. Mesmo que o objetivo geral do curso esteja no domínio do conhecimento proposto por Bloom, foi possível explorar os domínios mais altos com atividades que preparavam os participantes para manifestar compreensão, aplicação, análise, avaliação e criação – os outros domínios propostos na taxonomia.

Vamos a um exemplo, já da etapa 4, da aplicação do curso. Na primeira semana, dedicada à obra *Madre Piccola*, a professora em formação deu início às postagens com um carrossel de sete *slides* que apresenta a obra. Há ali informações gerais sobre o enredo, as temáticas tratadas e a autora que seriam aprofundadas ao longo da semana, e, dentre essas informações, com fotos e textos curtos, a apresentação da cidade de Mogadíscio, capital da Somália, cenário que marca a relação das personagens e entre a Somália e a Itália. O participante é convidado a ler essas informações e comentar o *post* a partir do seguinte enunciado: “Arraste para o lado e conheça um pouco da história, temáticas e contextos que aprofundaremos ao longo da semana. Depois, conte-nos nos comentários pelo menos uma informação totalmente nova para você e outra que você já conhecia”. O *post*, curtido por 145 pessoas e com 105 comentários, chamou os participantes a formular uma resposta (domínio da criação), a lembrar de outros textos (domínio do conhecimento), a pesquisar (domínio da aplicação e análise) e a trazer novas informações (domínio da avaliação) que possibilitassem um maior entendimento do tema (domínio da compreensão). E assim, lendo e participando do fórum, os cursistas puderam ampliar seu repertório de conhecimento e desenvolver aspectos da interculturalidade.

Na etapa 5, do registro e divulgação dos resultados, que perpassa todas as outras e visa à análise e à reflexão dos resultados do que foi vivenciado ou produzido, as professoras formadoras foram chamadas a avaliar a própria *performance*, quais habilidades desenvolveram durante a sua semana e também ao longo de todo o percurso, ao acompanhar a semana das outras colegas, ao auxiliá-las a desempenhar melhor o seu papel formador. O resultado pôde ser verificado na cumplicidade que se instaurou entre todas, que, ao longo dos três meses, divulgaram o projeto em diferentes eventos científicos. No aulão final, cheio de emoção e afeto, as professoras em formação manifestaram o quanto esse percurso foi capaz de transformar a própria visão sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas.

Na próxima seção serão expostas algumas dessas manifestações, que aqui podem ser sintetizadas da seguinte forma: só é possível desenvolver uma educação potencialmente intercultural, decolonial e emancipadora na medida em que os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem entendem que cognição, afetividade e movimento nos constituem, como já dizia Bloom. É papel do professor operar esses domínios com atividades que permitam a manifestação de emoções, como desenhos, textos, música, poesia, como as que alicerçam uma abordagem multimodal, que permitam que sejam intercalados momentos de maior e menor concentração. Isso dá leveza ao processo, mas para tal é necessário privilegiar a vivência de diferentes abordagens no processo formativo. Só assim haverá mudanças, sejam elas práticas, epistemológicas, sociais, interculturais ou decoloniais.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO E DOS RESULTADOS DE APRENDIZAGEM DOS LICENCIANDOS

Foram mais de 80 publicações no perfil do Instagram que hoje tem mais de 600 seguidores. Recebemos mais de 200 inscrições formais, dentre as quais 40 participantes receberam

certificado de aproveitamento do curso, que contou com as seguintes formas de avaliação: comentários no perfil do MML, formulário *on-line* com perguntas abertas a cada 15 dias sobre os conteúdos das semanas, participação nas aulas síncronas e nas aulas assíncronas.

As professoras em formação puderam vivenciar o ensino remoto por meio de uma abordagem multimodal que lhes permitiu desenvolver diferentes habilidades tecnológicas: gravação de vídeos e áudios, edição desses materiais, tradução para o português, legendagem. Aprenderam a escrever roteiros, a elaborar atividades e enunciados com base na Taxonomia de Bloom, a se organizar e a pedir ajuda, comprovando que, embora o trabalho do professor seja solitário, não precisa ser permeado de solidão. O trabalho em rede engrandece e leva à verdadeira autonomia.

Elas puderam sentir na pele o poder da tarefa, entendida como uma “[...] atividade que propicia o uso da LE para resolver uma situação, uma questão ou um problema colocado” (XAVIER, 2011, p. 52). Para isso, são necessários participação e envolvimento real com o processo de ensino-aprendizagem. Entenderam que não bastava ler o livro; era ler *para* produzir material, e isso envolveria muitas outras tarefas, como pesquisa, compreensão e produção oral e escrita. Compreenderam que, para o *post* estar no ar no horário estabelecido, outras tarefas precisariam ter sido executadas, como o roteiro, a gravação, se fosse um vídeo ou um áudio, a edição desse material, a tradução dos trechos para o português, a atividade. Entenderam que, para ser um bom professor de línguas na atualidade, não basta “abrir o livro na página tal”; são necessárias competências e habilidades outras, bem como um ótimo planejamento. Giovanna, uma das professoras em formação, em uma conversa de WhatsApp, escreveu após a sua semana:

Querida só mandar uma mensagem e agradecer por toda a ajuda nessa semana, por ter corrigido e me ajudado a bolar tão rápido as atividades. Sou muito grata! Fiz muitas coisas pela primeira vez e acabei exigindo bastante paciência, mas foi uma experiência extraordinária... Apesar dos problemas, sinto que foi uma ótima semana e hoje foi o melhor momento que já tive na universidade. Então, muito obrigada! Não vejo a hora de acompanhar as outras semanas e este projeto incrível!

“Quanto crescimento, conexões e sabedoria foram proporcionados para tantas pessoas, de diferentes países!”. Assim escreveu uma cursista sobre a experiência. No perfil do Instagram não são poucos os elogios à iniciativa, “um projeto muito importante, muito emocionante, muito pioneiro”, conforme o comentário de outra participante. Na última semana, em um dos *posts* cuja atividade pedia uma autoavaliação, alguns comentários evidenciam o quanto a experiência superou as metas traçadas, dentre os quais podemos destacar:

O curso foi muito importante e empolgante, trouxe muitas informações, lições de vida, casos marcantes que nos levaram a refletir como as pessoas maravilhosas por trás das obras maravilhosas chegaram e viveram até o momento, mostra que o caminho percorrido não é e não foi fácil.

Penso que a parte mais difícil foi participar sem poder ter lido todos os livros, mas, do modo como conduziram o projeto, me deixou menos preocupada. Todas as

atividades promoveram grandes reflexões, mais conhecimentos e reafirmações sobre alguns assuntos. Esse projeto permitiu, sem “obrigar” correr atrás de informações, ampliar a minha visão de mundo.

Obrigada pelo carinho e dedicação de vocês.

Eu fui positivamente surpreendida por esse curso. Os recursos tecnológicos, a parceria entre duas universidades de localidades tão diversas, a UFPR e a UFBA. Me causou grande admiração a apresentação das alunas tão comprometidas com o curso, a iniciativa das coordenadoras lindas jogando-se em novos formatos de ensino aprendizagem. Para além de tudo isso, eu não conhecia a colonização italiana na África, acreditam? Fiquei pasma mesmo já tendo lido sobre as atrocidades dos colonizadores em outros continentes e países. Amei as lives com as autoras e demais convidadas e convidados. Já comprei um livro proposto e estou lendo. Vocês foram muito felizes nesse projeto.

No aulão de encerramento, em que pedimos para cada professora em formação fazer uma avaliação do que aprendeu com a experiência, foi possível constatar o que as teorias sobre o ensino multimodal predizem – que, quando o ambiente de ensino é preparado para uma aprendizagem do tipo, cada indivíduo tem a oportunidade de aprender e crescer à sua própria maneira. Clara comentou sobre a organização do curso, que iniciou com o tema do “colonialismo italiano”, desconhecido no ensino-aprendizagem do italiano, inclusive na Itália; Giovanna falou do ineditismo da abordagem, pois, em anos de universidade, aquela era a primeira vez que via a Itália sob essa perspectiva, com essa diversidade de técnicas; Mylena relacionou suas apresentações de trabalho em congressos com os *posts* no Instagram e se sentiu ouvida somente na plataforma digital, o que pode dizer muito sobre como a academia tem sido excludente para com práticas inovativas e temas desafiadores.

Natália falou do quanto trabalhou neste projeto, proporcional ao quanto aprendeu, não só sobre os temas tratados, mas também sobre recursos tecnológicos e planejamento de curso. “Eu sabia que iria trabalhar na minha semana, mas não imaginava que seria tanto”, disse uma delas. E completa: “mas foi um trabalho bom, prazeroso. Foi bom colocar em palavras tudo o que pensei e senti durante a leitura. Ajudou a compreender melhor o que li”. Podemos interpretar essa fala à luz da taxonomia: a produção escrita que a professora fez, uma atividade pertencente ao domínio da criação, permitiu que ela refizesse o caminho percorrido sem esforço; ela pôde avaliar os conhecimentos prévios, relacionar com outros saberes adquiridos ao longo do curso com as colegas, mas também outros, entender, lembrar da história de, quem sabe, fatos de vida. Ela, assim como todas as outras, certamente desenvolveu competência intercultural a partir da experiência, se tomarmos como referência o que foi capaz de produzir para o curso.

O comentário de uma cursista, a seguir, foi feito no YouTube, no aulão de encerramento, e dá ideia da dimensão que este projeto tomou, comprovando que é urgente um giro decolonial no ensino de línguas, das temáticas tratadas, das estratégias adotadas, do processo de ensino-aprendizagem, independentemente da idade:

Apresentei o projeto para a minha filha adolescente (12 anos), ela ficou apaixonada pelo formato do curso e já está pensando até em formar um grupo com as coleguinhas para partilhas de leituras.

AUTOAVALIAÇÃO DO PROFESSOR FORMADOR

Resultado também da etapa 5, do registro e divulgação dos resultados, é a carta que a professora Cristiane Landulfo leu no aulão de encerramento em agradecimento a todo o grupo. Uma versão reduzida segue abaixo como a síntese de nossa autoavaliação como professoras formadoras.

Hoje é um dia imensamente especial. Não porque é o término de um curso. Mas porque é a prova absoluta de como é possível transformar sonhos em realidade, de como é possível promover uma educação que seja libertadora e, em especial, de como é possível criar laços e coletividade. Em 2019, quando saí para pós-doc, levei comigo muitas expectativas, perspectivas e um enorme desejo de ressignificar o ensino de italiano no contexto de ensino em que atuo, Salvador-Bahia-Brasil. De lá pra cá muita coisa aconteceu. Fiz a minha pesquisa, adquiri grande parte dos livros que vocês conheceram durante esses três meses, reformulei uma disciplina para que eu pudesse pôr em prática um ensino por uma perspectiva decolonial. Mobilizei alunas para pesquisas Pibic e idealizei, juntamente com a professora Paula Garcia de Freitas, o Nelib. Juntas, juntamos mulheres e professoras admiráveis e um time de estudantes que cada dia que passa nos enche de orgulho e nos faz ter a certeza de que estamos cumprindo a nossa missão: a de educar e de proporcionar uma formação docente que seja, de fato, crítica e reflexiva. [...] Como parceiras, é claro que conversamos demasiadamente, embora estejamos separadas por milhares de quilômetros. Viva a tecnologia! Em uma dessas conversas, nasceu um projeto, que demandou outro projeto, e cá estamos. O MML nasce do encontro, da partilha e, sobretudo, da força de educadoras como Camila Silveira e Alessandra Barbosa, afinal, somos irmãs do Meninas e Mulheres nas Ciências. Com os nossos trabalhos levamos a milhares de pessoas o conhecimento, a arte, a reflexão, as dúvidas e os questionamentos tão importantes para o nosso amadurecimento e, em especial, a certeza de que podemos atuar fora e dentro dos muros da universidade. Pois é, viemos, fomos para o Instagram. Claro que com a ajuda de muita gente, em especial Clara Casagrande, que mostrou que era possível mexer nessa plataforma e utilizá-la como uma ferramenta de ensino. Confesso que gostei de me tornar uma instagrammer. Lá postamos muito, fizemos reels, carrossel, stories com uma identidade própria criada por Mylena de Assis e Camila Araújo, que coloriram nossa página de arte e amor.

Como foi bom trabalhar e orientar cada uma dessas dez alunas! [...] Como aprendi com essas meninas! Aliás, pensando bem, foram elas que me orientaram, que me mostraram que o único caminho é o de promover uma educação linguística intercultural, decolonial, crítica, reflexiva, emancipadora e libertadora. Sem elas, nada teria sido possível. As ideias continuariam no papel, talvez apenas nos artigos acadêmicos que quase ninguém lê. Com elas foi possível colocar em prática o que pensamos na teoria.

Bom, o que é trabalhar com Paula Garcia de Freitas? [...] É uma parceria que dá certo. Nós nos entendemos e fazemos. Fazemos porque somos apaixonadas pelo trabalho, pela educação, pelo ensino de línguas, pelo italiano, pela docência. E por isso, acima de tudo, nos respeitamos como colegas de profissão.

É claro que nem sempre concordamos ou seguimos as mesmas perspectivas teóricas. Mas isso é ótimo porque aprendemos reciprocamente. Como eu aprendi com a abordagem por tarefas e com a Taxonomia de Bloom. E agora tenho certeza que Paula suleia as suas práticas. Foi isso que fizemos, não? Suleamos nossas práticas como sugeriu Paulo Freire e o físico Marcio D’Olne Campos, quem primeiro usou o termo “sulear” em contraposição ao caráter ideológico do vocábulo “nortear” e às representações advindas da relação imposta, justamente, entre Norte-Sul. Nesse momento, preciso agradecer o companheirismo, a cumplicidade, a amizade de Paula. Não é fácil no meio acadêmico encontrar amigas e parceiras que torcem e vibram com o nosso trabalho e, melhor, trabalham juntas com tanto afinco e generosidade.

Ah, eu não posso deixar de agradecer as mais de 500 seguidoras que nos acompanharam durante 3 meses. Comentaram, compartilharam, discordaram, perguntaram e aprenderam. [...]

Certa vez até me disseram que eu não trabalhava com literatura. Então faço a pergunta: o que é trabalhar com literatura? É ler crítica literária? Estudar os movimentos literários? Selecionar e trabalhar com os cânones ou com os autores ditos importantes? Bom, se for isso, só posso concordar, eu não faço mesmo essa literatura. Não é o meu objetivo, nunca foi. Eu trabalho com a linguagem, com as palavras, com o que é dito. Com o texto que é capaz de promover reflexão e transformação. Aquele tipo de texto que atravessa os nossos corpos e nos toca tão profundamente a ponto de nos fazer rever nossas certezas. Ah, e não me interessa se é modernista, barroco, contemporâneo. Mas precisa ser intenso. Precisa tratar de questões que me permitam repensar o mundo. Essa literatura eu faço. Aliás, fizemos e fizemos muito bem. Não acham?

É, posso dizer que aquela pesquisa inicialmente pensada por mim ganhou o mundo e foi abraçada por muita gente. [...] Decolonizar é urgente. Precisamos resgatar as nossas verdadeiras histórias e sair dos lugares de subalternização para ocuparmos todos os espaços com os nossos saberes e com os nossos corpos. Nas obras que estudamos, encontramos temas como interseccionalidade, racismo, violência de gênero, africanidades, tão necessários para o desenvolvimento e o entendimento de um pensamento intercultural, decolonial e para a promoção de uma educação emancipadora. Histórias que precisam ser verdadeiramente conhecidas pelo olhar outro que não seja o do colonizador, do europeu. Encerro minha cartinha com um obrigada cheio de afeto e emoção. Agradeço a todas as pessoas que aceitaram os nossos convites e participaram de lives, podcasts, aulões e danças. Agradeço por termos criado um projeto como o MML em parceria com o MMC e por fazermos do Nelib um grupo que está trabalhando para responder à pergunta que o constitui: quais são os saberes necessários para a formação de professores de italiano em um mundo em constante transformação? Andiamo avanti?

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BLOOM, B.; KRATHWOHL, D.; MASIA, B. *Taxionomia de objetivos educacionais: domínio cognitivo*. Trad. Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Globo; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1972.
- CANDAU, V. M. (org.). *Didática crítica intercultural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CASTRO-GOMEZ, S.; GOSFROGUEL, R. (org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar; Universidad Central-Iesco; Siglo del Hombre, 2007.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, P. G. Intercultura nas escolas e na formação de professores de línguas. *Línguas & Letras*, v. 20, n. 46, p. 126-146, 2019.
- FREITAS, P. G. Ensinando a ensinar com tarefas comunicativas: um percurso para a formação inicial de professores. In: TREVISOL, J.; SILVA, I. T. *Fundamentos e práticas no ensino de línguas*. v. II. Catu: Bordô-Grená, 2020. p. 55-79.
- GARDNER, H. *Frames of mind: the theory of multiple intelligences*. New York, NY: Basic Books, 1983.
- IMBERNÓN, F.; COLÉN, M. T. Los vaivenes de la formación inicial del profesorado. *Revista Tendencias Pedagógicas*, n. 25, p. 57-76, 2014.
- LANDULFO, C. *Currículo e formação inicial dos professores de italiano no Brasil: constatações e reflexões*. 2016. 340 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- LANDULFO, C.; MATOS, D. Escritoras ítalo-africanas e uma proposta decolonial para a educação linguística em italiano. *Línguas & Letras*, v. 22, n. 52, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/26433>. Acesso em: 26 out. 2022.
- MENDES, E. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, E.; CASTRO, M. L. (org.). *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas, SP: Pontes, 2008. p. 57-77.
- NORRIS, J. Thinking and acting programmatically in task-based language teaching. In: BYGATE, M. (ed.). *Domains and directions in the development of TBLT*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 27-58.
- ROLDÃO, M. Formação de professores e desenvolvimento profissional. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 191-202, 8 jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v22n2a3638>
- SANTORO, E. *Da indissociabilidade entre o ensino de língua e de literatura: uma proposta para o ensino do italiano como língua estrangeira*. 2007. 355 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- VAN LEEUWEN, T. Critical discourse analysis and multimodality. In: HART, C.; CAP, P. (ed.). *Contemporary critical discourse studies*. Bloomsbury: Bloomsbury Publishing, 2014. p. 281-295.
- WILLIS, J. A. *Framework for task-based learning*. Harlow: Longman, 2003.
- XAVIER, R. P. *Metodologia do ensino de inglês*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2012.

Anexo 1

The poster is titled "Meninas e Mulheres na LITERATURA" in a stylized font on a torn paper background. Below the title, it identifies the organizing institutions: "NÚCLEO DE ESTUDOS ITALIANOS NO CONTEXTO BRASILEIRO (NELIB/CNPQ) LICENCIAR-ITALIANO - UFPR" and "PIBIC - LICENCIATURA EM ITALIANO - UFBA". It also specifies the "PERCURSO DE FORMAÇÃO 2021". The poster features two rows of faculty members, each with a name, university affiliation, and a circular portrait. The names and affiliations are: Paula Garcia de Freitas (UFPR), Alice Negreiros (UFBA), Adriane Viana (UFBA), Clara Casagrande (UFPR), Mylena de Assis (UFBA), Cristiane Landulfo (UFBA), Alice Sousa (UFBA), Giovanna Bianchi Araújo (UFPR), Liliane Amorim (UFBA), and Natália Carvalho Winck (UFPR). The NELIB logo is on the left and the LICENCIAR logo is on the right.

**Meninas e Mulheres
na
LITERATURA**

**NÚCLEO DE ESTUDOS ITALIANOS NO CONTEXTO
BRASILEIRO (NELIB/CNPQ)
LICENCIAR-ITALIANO - UFPR
PIBIC - LICENCIATURA EM ITALIANO - UFBA
PERCURSO DE FORMAÇÃO 2021**

NELIB
Núcleo de Estudos em
Língua Italiana no Contexto
Brasileiro

LICENCIAR

PAULA GARCIA DE FREITAS
UFPR

ALICE NEGREIROS
UFBA

ADRIANE VIANA
UFBA

CLARA CASAGRANDE
UFPR

MYLENA DE ASSIS
UFBA

CRISTIANE LANDULFO
UFBA

ALICE SOUSA
UFBA

GIOVANNA BIANCHI ARAÚJO
UFPR

LILIANE AMORIM
UFBA

NATÁLIA CARVALHO WINCK
UFPR

Anexo 2

PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DO CURSO DE SENSIBILIZAÇÃO À LÍNGUA E A CULTURA ITALIANA

- Leitura dos livros italianos escolhidos;
- Organização do curso "Meninas e Mulheres na Literatura";
- Produção de material de divulgação do curso nas redes sociais;
- Criação da identidade visual da conta do Instagram;
- Produção dos conteúdos diários compartilhados no Instagram, em formato de vídeo, podcast e carrossel;
- Aulas síncronas a cada 15 dias no Youtube do Licenciar UFPR.



PLANO DE CURSO

	SABADO SABATO	DOMINGO DOMENICA	SEGUNDA LUNEDI	TERÇA MARTEDI	QUARTA MERCOLEDI	QUINTA GIOVEDI	SEXTA VENERDI	
6	Primeiro contato: informações gerais sobre a Elsa Kistner		Dentro l'opera: Conhecendo melhor o livro Altea Nostra, Maria Tere	Ma che tipo è? (R) Conhecendo gênero textual escolhido pela autora	Nel loro panni Conhecendo melhor os personagens, os temas e os diálogos	Ancora nei loro panni (re)conhecendo pontos de (re)encontro com a nossa realidade	Una grande lezione Analisando a obra em maior profundidade	16/10 - 22/10
7	Primeiro contato: informações gerais sobre a Igaba Siego		Dentro l'opera: Conhecendo melhor o livro La Linea del Colore	Ma che tipo è? (R) Conhecendo gênero textual escolhido pela autora	Nel loro panni Conhecendo melhor os personagens, os temas e os diálogos	Ancora nei loro panni (re)conhecendo pontos de (re)encontro com a nossa realidade	Una grande lezione Analisando a obra em maior profundidade	23/10 - 29/10
8	Primeiro contato: informações gerais sobre a Gabriella Giemardi		Dentro l'opera: Conhecendo melhor o livro Regina di Fiori e di Pane	Ma che tipo è? (R) Conhecendo gênero textual escolhido pela autora	Nel loro panni Conhecendo melhor os personagens, os temas e os diálogos	Ancora nei loro panni (re)conhecendo pontos de (re)encontro com a nossa realidade	Una grande lezione Analisando a obra em maior profundidade	30/10 - 05/11
9	Primeiro contato: informações gerais sobre a Ujara Karan		Dentro l'opera: Conhecendo melhor o livro L'ador di denti	Ma che tipo è? (R) Conhecendo gênero textual escolhido pela autora	Nel loro panni Conhecendo melhor os personagens, os temas e os diálogos	Ancora nei loro panni (re)conhecendo pontos de (re)encontro com a nossa realidade	Una grande lezione Analisando a obra em maior profundidade	06/11 - 12/11
10	Primeiro contato: informações gerais sobre a Gabriella Kuruvilla		Dentro l'opera: Conhecendo melhor o livro Curry di notte e Kamvale	Ma che tipo è? (R) Conhecendo gênero textual escolhido pela autora	Nel loro panni Conhecendo melhor os personagens, os temas e os diálogos	Ancora nei loro panni (re)conhecendo pontos de (re)encontro com a nossa realidade	Una grande lezione Analisando a obra em maior profundidade	13/11 - 19/11
10	Primeiro contato: informações gerais sobre a Laila Vasta		Dentro l'opera: Conhecendo melhor o livro India e Ribuan	Ma che tipo è? (R) Conhecendo gênero textual escolhido pela autora	Nel loro panni Conhecendo melhor os personagens, os temas e os diálogos	Ancora nei loro panni (re)conhecendo pontos de (re)encontro com a nossa realidade	Una grande lezione Analisando a obra em maior profundidade	13/11 - 19/11

Anexo 3

CURSO MENINAS E MULHERES NA LITERATURA



meninasmulheresnalliteratura

92 publicações 613 seguidores 23 seguindo

MML
Literatura Italiana de Escritoras em Diásporas Ministrado em Português BR
UFBA UFPR
Nossos links linktr.ee/meninasmulheresnalliteratura



A plataforma principal do curso foi o Instagram. Cada semana do curso foi organizada por uma professora diferente: de sábado à sexta-feira eram realizadas postagens diárias com os conteúdos produzidos.

No final de cada postagem, havia uma atividade a ser realizada. Os participantes deixavam suas respostas nos comentários do post do Instagram. Cada atividade proposta procurava trabalhar com competências diferentes.





meninasmulheresnalliteratura · Seguindo

meninasmulheresnalliteratura Tchan, tchan, tchan "ufar do tamborete"! 📖 Dando início à primeira semana do Meninas e Mulheres na Literatura, apresentamos um pouco da obra "Madre Piccola" e da autora Ubah Cristina Ali Farah.

📖 Arraste para o lado e conheça um pouco da história, temáticas e contexto que aprofundaremos ao longo da semana. Depois, nos conte pelo menos uma informação nova pra você e outra que você já conhecia! 🔥

A presto! 👉

@mulheresna ciencias.ufpr

36 sem

julliasilva.1996 Eu não conhecia esse contexto. Grata pelo

Curtido por munhozgu e outras pessoas

11 DE SETEMBRO DE 2021

Adicione um comentário... Publicar

Anexo 4



Anexo 5



Anexo 6

EVENTOS SÍNCRONOS

Desenvolvido por StreamYard

A Redenção de Camo, 1895
Pedro Boccas
Óleo sobre tela, a.l.d.
186,00 cm x 135,00 cm

Obra consagrada por tratar de questões raciais e populares no século XIX, a tela *A Redenção de Camo*, de Pedro Boccas (1862 - 1936), ainda hoje suscita polémicas, sobretudo no que se refere a sua recorrente utilização como ilustração em textos favoráveis ao branqueamento da população brasileira. 1 A pintura, que recebe a medalha de ouro no Salão Nac...

Fiquem a vontade para deixar suas Perguntas e Sugestões através dos comentários.

MML - Semana 4 / Negretta: baci razzisti / Marilena Delli Umuhoza

158 visualizações... 31 NÃO GOSTEI COMPARTILHAR CLIPE SALVAR ...

O uso de diversas plataformas sociais e ferramentas tecnológicas também foi acompanhada de eventos síncronos variados, como o Sarau da Semana 4.

Anexo 7

DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES

rosileivilasboas A cada história eu fico mais perplexa com a crueldade como os imigrantes ou refugiados são tratados na Itália e no restante do mundo. Achei sensacional esse conto La storiia di Topo, é uma denúncia muito profunda, a autora conseguiu tratar o sentimento de uma pessoa que, na expectativa de reconstruir a sua vida e diante da desconsideração das instituições e da sociedade, adoece mentalmente e perde a sua identidade. Que tristeza e que sensibilidade desta escritora. Sinto vergogna, rabbia, ripugnanza, tristezza. Parabéns para vocês, esse curso está prestando um grande serviço a consciência social, a cidadania e cumprindo verdadeiramente com o papel da universidade pública e gratuita.

dierliana O curso foi muito importante e empolgante, trouxe muitas informações, lições de vida, casos marcantes que nos levam a refletir como as pessoas por trás das obras maravilhosas, chegaram e viveram até o momento de apresentá-las, mostra que o caminho percorrido não é e foi fácil, então é um tanto difícil indicar um trabalho em especial, pois todos foram maravilhosos e muito enriquecedores.

dayanepriscila5774 Penso que a parte mais difícil foi participar sem poder ter lido tds os livros, mas com a maneira que conduziram o projeto me deixou menos preocupada. Tds as atividades promoveram grandes reflexões, mais conhecimento e reafirmações sobre alguns assuntos. Esse projeto permitiu sem "obrigar" correr atrás de informações que ampliaram minha visão de mundo. obrigada pelo carinho e dedicação de vcs. 🍷

Retirados da página do Instagram do Meninas e Mulheres na Literatura.

Anexo 8

DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES

lola_isabelle Adorei o sarau, as leituras ad alta voce, as reflexões sobre pertencimento... Inclusive já consegui levar algumas para minhas aulas ❤️ os alunos ficaram surpresos (assim como eu no início do curso) em descobrir que a Itália teve o papel de colonizador dos países no noroeste da África.

lorryne O curso todo foi muito marcante e significativo para mim, mas se for para escolher: as entrevistas com as autoras e principalmente o vídeo da Gabriella Ghermandi. Ela falando que não escolheu ser artista por ser intelectual ou estudiosa, mas sim para encontrar uma forma de juntar os pedaços da sua vida, por consequência da ocupação italiana. Me fez refletir sobre as pessoas por trás das obras, mesmo que sejam histórias narradas e personagens criados, são formulados na vivência das autoras.

valeskaaffonsovargas O sarau e os podcast , com eles eu me identifiquei, apesar de todos os recursos didáticos usados serem ótimos, este curso abriu um leque de exemplos que podemos levar para a sala de aula.

rosileivilasboas Eu fui positivamente surpreendida por esse curso. Os recursos tecnológicos, a parceria entre as 2 universidades de localidades tão diversas, a UFPR e a UFBA. Me causou grande admiração a apresentação das alunas tão comprometidas com o curso, a iniciativa das coordenadoras lindas jogando-se em novos formatos de ensino-aprendizagem. Para além de tudo isso, eu não conhecia a colonização italiana na África, acreditam? Fiquei pasma mesmo já tendo lido sobre as atrocidades dos colonizadores em outros continentes e países. Amei as lives com as autoras e demais convidadas e convidados. Já comprei um livro proposto e estou lendo. Proponho, por gentileza que façam um post com a lista de livros x autoras. Vocês foram muito felizes nesse projeto. Espero mais e quero ser avisada se tiver encontro presencial 🍷

paulozamperlini Boa tarde! Na verdade, não houve uma atividade que mais me marcou, mas sim o conjunto de atividades. Posso afirmar que essas 10 semanas de curso, que ora estão prestes a terminar, muito contribuíram para o meu aprendizado, não somente sobre a literatura apresentada, como também um aprendizado para a vida, que pude adquirir com cada uma das apresentadoras, autoras e personagens. Hoje já posso refletir e opinar sobre as temáticas estudadas de uma forma mais segura e crítica.

Retirados da página do Instagram do Meninas e Mulheres na Literatura.

Anexo 9

